

# Reflexões sobre a História do Alcoolismo

Luci Mara Bertoni<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro – SP  
luma@fafibe.br

**Abstract.** *This article draws an outline on the history of the alcoholism since the most remote times until nowadays .Meanwhile, it tries to identify the process of transformation of the concept through the history of the humanity.*

**Keywords.** *Alcoholism; drugs, history of the alcoholism.*

**Resumo.** *Este artigo traça um esboço da história do alcoolismo desde os tempos mais primitivos até os dias atuais. Ao mesmo tempo, tenta identificar o processo de transformação do conceito ao longo da história da humanidade.*

**Palavras-Chave.** *Alcoolismo; drogas; história do alcoolismo.*

Este artigo apresenta uma retrospectiva histórica do álcool desde os tempos mais primitivos. Por que estudar a história? Porque olhando para o passado, percebemos que muitos de nossos hábitos e costumes vão se modificando, por vezes para nosso benefício, por outras, sem o percebermos, para nossa destruição. O que antontem era somente prazer, ontem foi motivo de perseguição e morte, hoje pode ser visto como problema de saúde pública e amanhã?...

Assim podemos considerar o problema das drogas e, particularmente, do álcool. Da mesma maneira pensamos o alcoolismo e o alcoolista, este último, antes visto como o “adorador” do álcool (alcoólatra), hoje pode ser considerado por alguns especialistas como portador da síndrome de dependência do álcool<sup>1</sup>, ou seja, alguém que precisa de ajuda para melhorar sua saúde. A fim de entendermos um pouco mais dessa trajetória é que nos propusemos a começar buscar recursos na história.

Não podemos nos esquecer, porém, que a maioria das drogas surgiu e existe para o bem. O homem parece ter nascido com o dom de inventar substâncias que aliviam a dor ou curam as mais variadas doenças, o problema é que o uso inadequado de algumas destas substâncias podem levar à destruição e à morte do próprio homem.

Esta busca histórica do alcoolismo foi uma das dificuldades em reunirmos materiais para este artigo, pois, apenas recentemente, o álcool foi incluído na lista das drogas. Isto se deve ao fato de ser uma droga lícita, mas nem sempre foi assim. Por outro lado, por ser legalizada tem sido verificado que é uma das drogas mais consumidas por adolescentes e jovens, sendo considerada “porta de entrada” para outras drogas (ilícitas).

Adolescência e alcoolismo parecem ter uma ligação muito estreita. A primeira é considerada como um “rito de passagem”, tornando a vulnerabilidade para o contato com as drogas ainda maior. Talvez para fugir das crises próprias desta fase de transição e da busca de auto-afirmação. E os adultos nem sempre acompanham as aventuras de seus filhos adolescentes,

[...] e quase sempre consideram absolutamente normal a experiência com o álcool, como se fosse parte do desenvolvimento de qualquer um, e não um primeiro degrau na escalada das drogas. Afinal, dizem eles, tomar o primeiro porre é como perder o primeiro dente: marca uma passagem obrigatória para todos os indivíduos de nossa cultura. (ARATANGY, 2000, p. 70)

Em se tratando de cultura e para fins de pesquisa, parece óbvio e até mesmo repetitivo, afirmar que desde os tempos mais remotos, a humanidade sempre teve envolvimento com o álcool ou outras drogas. O desejo de descobrir sensações novas e prazerosas está presente nos seres humanos. Gostamos de sentir prazer e o buscamos das mais variadas formas. Não só o buscamos, mas estamos expostos a ele, principalmente na sociedade de consumo em que vivemos que nos incita ao prazer e à busca de felicidade ao alcançarmos este prazer. Uma felicidade que se apresenta eterna e se revela ilusória e passageira porque nunca poderá ser satisfeita. Ao menos, não a ponto de a conquistarmos somente porque temos condições de consumir.

Com relação ao uso de drogas, que também nos parece uma busca exacerbada de liberdade e de felicidade, podemos afirmar, de acordo com Lapate (2001, p. 102), que os homens primitivos e os animais em geral, já buscavam no uso de frutas fermentadas, algum tipo de relaxamento e prazer. Ao observar os animais que faziam uso dessas frutas e tinham seu comportamento alterado, provavelmente, os homens começaram a fazer uso do suco de frutos fermentados que apresentavam teor alcoólico. Daí, podemos inferir que há milhares de anos, o vinho e a cerveja, por exemplo, são registrados nas sociedades mais antigas.

Por volta de 2200 a.C., a cerveja era recomendada como tônico para mulheres que estivessem amamentando. Anos mais tarde, de acordo com Escotado (2003, p. 20), há registros da proibição do consumo de cerveja, sendo esta considerada a “perdição da alma”.

Muitas também são as referências sobre o vinho. O Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, no capítulo 9º do livro do Gênesis conta a história de Noé. De acordo com a versão bíblica, “Noé foi o primeiro agricultor. Plantou uma vinha e tomou o vinho dela e embriagou-se e encontrou-se nu no interior de sua tenda”. Um dos filhos de Noé o viu nu e comunicou a nudez de seu pai aos irmãos, continua o texto bíblico. Embora não haja concordância entre os teólogos, o fato de o filho ter visto o pai nu pode querer dizer que se envolveram em atos incestuosos. Fato que poderia ser entendido e aceito para o mundo grego, por exemplo, mas não para o hebreu.

A comida, a bebida e o sexo são ressaltados com sua devida importância entre os gregos antigos. Porém, satisfazer as necessidades e prazeres do corpo era visto como indício de sabedoria ou “temperança” aos que o conseguiam fazer com equilíbrio (FOUCAULT, 2003).

O vinho e a cerveja sempre foram considerados bons quando tomados em doses terapêuticas, além destes, os gregos usavam outras drogas para fins cerimoniais e lúdicos, sendo o ópio a droga mais popular.

Este tranquilo emprego de diversas drogas não significa que os gregos ignorem um “problema de toxicomania”, como dizemos hoje. O que os diferencia de nós é que a periculosidade social e individual das drogas se concentrou no vinho. Símbolo de Dionísio, um deus-planta que suspende as fronteiras da identidade pessoal e chama a periódicas orgias, o vinho rompeu na Grécia – usando as palavras de Nietzsche – como “um terrível estranho, capaz de reduzir a ruínas a casa que lhe oferecesse abrigo. (ESCOHOTADO, 2003, p. 26)

Os antigos romanos, também, eram afetos ao álcool, havia somente uma proibição para as mulheres e os menores de 30 anos. Escotado (2003) relata casos em que mulheres foram mortas por terem sido flagradas bebendo. No mundo romano, os cristãos são perseguidos por usarem vinho em suas cerimônias, por ser esta substância causadora de um

“relaxamento induzido”. Este “relaxamento” era aceitável pelos pagãos como um dos dons dionisíacos, admitido também no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, mas Paulo de Tarso – ao converter-se ao cristianismo – acaba com todo estímulo a “condutas relaxantes”. Daí surgem seitas totalmente abstêmias, para as quais beber é pecado mortal. “Segundo suas tradições, quando Lúcifer caiu dos céus, se uniu à Terra e produziu a videira. Lúcifer e Baco são uma mesma pessoa ou – em outras versões – pai e filho” (ESCOHOTADO, 2003, p. 38).

Tempos depois, o vinho, no rito eucarístico<sup>2</sup>, passa a ser bebido somente pelo sacerdote. Aliás, mesmo com fins terapêuticos, o uso de drogas podia ser considerado sinônimo de heresia, pois, para o clero, as indulgências que eram vendidas, seguidas de santos óleos, água e velas benditas, eram muito mais eficazes que qualquer tipo de droga. Isto permaneceu e serviu de justificativa para a perseguição das bruxas na Idade Média.

As bruxas, na verdade, eram possuidoras do saber medicamentoso que muito ajudaram na descoberta de fármacos eficazes para a cura de diversas doenças, o que passa a preocupar também os médicos pois começa haver um aumento das “casa de bruxas” e seus medicamentos passam a ser comercializados em grande escala. A Igreja, também intervém, com a perseguição dos inquisidores a farmacêuticos e bruxos, pois qualquer pessoa sem altos apoios poderia ser processada, torturada e queimada (ESCOHOTADO, 2003, p. 61)

Com o advento da industrialização, o álcool começa a ser produzido em grande escala, resultando na redução de preços ao consumidor, o que provocou um estímulo de seu comércio.

O transporte, através das caravanas, e a distribuição, por meio das primeiras tabernas instaladas nas cidades em formação, desempenharam papel relevante na difusão das bebidas industrializadas. (FORTES & CARDO, 19991, p. 2)

O hábito de se beber moderadamente ou “socialmente”, como costumamos dizer, por vezes, torna a pessoa tolerante à bebida e esta pode vir a transformar-se em um bebedor problema ou alcoolista.

Do que se tem notícia na história, a proibição da venda e/ou do consumo de álcool não teve grandes resultados. Pelo contrário, na vigência da “Lei Seca” nos Estados Unidos, comércio clandestino foi mais estimulado e, de acordo com alguns autores, nunca se consumiu tanto na história desse país.

Voltando-nos para nossa atualidade brasileira, o abuso do álcool é o abuso de drogas de maior relevância no país.

Um índice alarmante pode ser destacado por Lapate (20001, p.133):

O Brasil é o maior produtor de destilados do mundo. É o quarto maior mercado mundial em produção de cerveja, perdendo apenas para EUA, China e Alemanha, com o agravante de destinar 90% da produção ao mercado interno.

Em termos de reflexões sobre a história do alcoolismo e de nossa história atual na qual o álcool parece fazer parte indissociável de nossas relações, podemos destacar o papel importante que a mídia vem fazendo para que seu consumo seja cada vez mais elevado. Sol, praia, lazer, prazer e lindos corpos “sarados” são a atração para o consumo cada vez mais elevado de bebida alcoólica, principalmente, de cerveja. Crianças e adolescentes expostos a propagandas e aos pais que, por vezes, os estimulam a experimentar “para não ficarem com vontade”.

Assunto polêmico e digno de várias reflexões que não se esgotam neste artigo, o alcoolismo precisa ser alvo de discussões e debates, afinal, por se tratar de um problema de saúde pública, é necessário que comecemos a pensar em alternativas de prevenção para uma melhor qualidade de vida nossa e de nossos descendentes.

## Referências

- ARATANGY, Lídia Rosenberg. **Doces venenos: conversas e desconversas sobre drogas**. 10. ed. São Paulo: Olho d'água, 2000.
- ESCOHOTADO, Antonio. **Historia elemental de las drogas**. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 2003.
- FORTES, J. R. Albuquerque, CARDO, Walter Nelson. **Alcoolismo: diagnóstico e tratamento**. São Paulo: Sarvier, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. 10. ed. V.2 São Paulo: Graal, 2003.
- LAPATE, Vagner. **Hora Zero: a independência das drogas – antes que os problemas cheguem**. São Paulo: Scortecci, 2001.

## Notas

1. Conceito adotado pela OMS – Organização Mundial da Saúde
2. Para os cristãos católicos, a Hóstia Sagrada é a forma física do Corpo de Cristo e o vinho, seu Sangue.